

AS FLORES

Alice Walker

THE FLOWERS, 1981

Nunca houve dias tão bonitos como estes, pensava Myop, enquanto saltitava alegremente do galinheiro para a pocilga e daí para o fumeiro. O ar tinha uma densidade que lhe contraía o nariz. A colheita do milho e do algodão, do amendoim e da abóbora, faziam de cada dia uma surpresa dourada que lhe percorria os maxilares com leves arrepios de excitação.

Myop levava consigo um pequeno pau nodoso, com que batia à toa nas galinhas de que tanto gostava, e criou o ritmo de uma música na vedação que cercava a pocilga. Sentia-se leve e alegre sob o sol quente. Tinha dez anos e, para ela, nada mais existia a não ser a sua canção, o pau apertado na mão morena e o tat-de-ta-ta-ta do acompanhamento.

Virando as costas às tábuas velhas da cabana de rendeiro da família, Myop caminhou ao longo da vedação que ia até ao regato formado pela nascente. Em redor da nascente, onde a família ia buscar água para beber, cresciam fetos prateados e flores silvestres. Os porcos foçavam ao longo das margens pouco profundas. Myop observava as minúsculas bolhas brancas que rompiam a fina camada de terra preta e a água que silenciosamente brotava e corria ao longo do regato.

Já tinha explorado a mata atrás da casa em diversas ocasiões. Muitas vezes, no final do Outono, a mãe levava-a a apanhar frutos secos entre as folhas caídas. Hoje, seguia o seu próprio caminho, saltitando de um lado para o outro, mantendo-se vagamente atenta às cobras. Encontrou, para além de diversos tipos de folhas e de fetos comuns, ainda que bonitos, um braçado de curiosas flores azuis com saliências aveludadas e um arbusto de *sweetsuds*, coberto de rebentos castanhos aromáticos.

Pelo meio-dia, com os braços carregados de raminhos dos seus achados, havia-se afastado quilómetro e meio ou mais de casa. Já noutras ocasiões estivera assim tão longe, no entanto, a estranha singularidade da terra não a tornava tão agradável como nas suas habituais deambulações. O pequeno abrigo onde se encontrava parecia sombrio. O ar era húmido, o silêncio denso e profundo.

Myop começou a voltar para trás; a regressar à tranquilidade da manhã. Foi então que o pisou em cheio nos olhos. O calcanhar ficou preso na ponte esmigalhada entre a testa e o nariz e, sem medo, baixou-se rapidamente para se libertar. Foi só quando viu o seu esgar nu que soltou um pequeno grito de surpresa.

Fora um homem alto. Ocupava um grande espaço dos pés ao pescoço. A cabeça jazia ao lado. Quando afastou as folhas e as camadas de terra e entulho, Myop reparou que ele tivera dentes alvos e grandes, todos rachados ou partidos, dedos longos e ossos muito compridos. Todas as roupas haviam apodrecido, à exceção de alguns fios de ganga azul das calças de peitilho, cujas fivelas se tinham tornado verdes.

Myop observou o local com interesse. Muito perto do sítio onde pisara a cabeça, havia uma rosa brava. Enquanto a colhia para juntá-la ao ramo, reparou num pequeno montículo, um círculo, à volta da raiz da rosa. Eram os restos de um nó, um pequeno fragmento de corda de arado, que agora se misturava inofensivamente na terra. Em torno do ramo saliente de um imenso carvalho estava agarrado outro pedaço. Gasto, apodrecido, desbotado e esfarrapado – quase ausente – mas rodopiando sem descanso ao sabor da brisa. Myop depôs as flores.

E o Verão terminou.

Trad. de Sofia Morais d'Almeida¹

¹ Antiga aluna da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.